

**NOSS**

# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 2 - 2º SEMESTRE - 2021

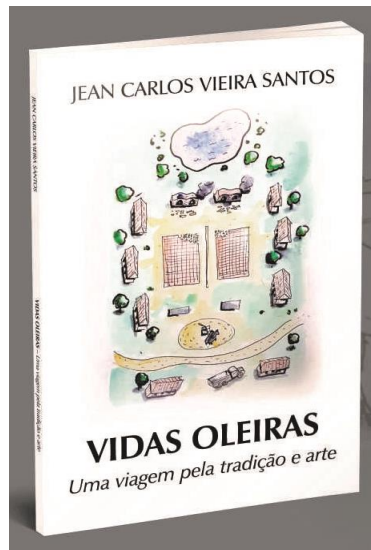
ISSN 2448-1793

DOSSIÊ  
**ÁFRICA**  
E SUA DIÁSPORA:  
PENSAMENTOS E LINGUAGENS





## VIDAS OLEIRAS: UMA VIAGEM PELA TRADIÇÃO E ARTE



Jean Carlos Vieira Santos. São Paulo: All Print Editora, 2021

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5784575>

Envio: 20/09/2021 ♦ Aceite: 14/11/2021

### Camilla Alonso Lôbo Rosa



Especialista em Consultoria Turística pela Universidade Católica de Brasília. Graduada em Administração em Turismo pela PUC - GO. Atua como Professora Universitária na Universidade Estadual de Goiás (Unidade Universitária de Pirenópolis).

O livro resenhado aborda os saberes e fazeres encontrados nos lugares de vida dos povos tradicionais oleiros na bacia hidrográfica do Rio Paranaíba entre os estados de Goiás e Minas Gerais, um tema bastante rico e pouco discutido nos estudos e nas pesquisas acadêmicas sobre o cerrado, na alçada das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Dessa forma, esta obra é de grande valia para todos — historiadores, geógrafos, licenciados em Artes e turismólogos —, porquanto possibilita novas

pesquisas e análises comparativas entre o cerrado e outros domínios socioambientais brasileiros.

Jean Carlos Vieira Santos, o autor da obra, é graduado, mestre e doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Pós-doutor em Turismo pela Universidade do Algarve. Ele atua como professor e pesquisador na área da geografia do turismo e seus contextos interdisciplinares e, atualmente, é professor da Universidade Estadual de Goiás, nos cursos de mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/Anápolis) e mestrado em Geografia (PPGEO), do *Campus Cora Coralina*.

A obra se inicia com uma proposta de viagem pela tradição e arte de vidas oleiras do cerrado. O ambiente é rico em história e possui um cenário geográfico marcado por relações de trabalho familiar que radicam o sujeito histórico na cultura oleira do Vale do Rio Paranaíba, aportando em territórios goianos e mineiros.

Nesse processo de produção do conhecimento, o livro indica e aborda, no primeiro capítulo, os significados de olarias e oleiros, de modo a sublinhar a necessidade de ampliar o debate e elencar novas publicações em âmbito regional, nacional e internacional. Nesse contexto, a primeira parte da obra trata das pretéritas relações de trabalho e das fases de fixação humana na região estudada: a agricultura e pecuária, as olarias e oleiros, o garimpo, a pesca, os conteúdos e traços modernos. Por fazer isso, o livro abre espaço para reflexões acerca das produções oleiras espaciais no cerrado da região drenada pelo Rio Paranaíba, a qual possui escalas, dinâmicas territoriais e experiências de aprendizagens de base familiar e coletiva.

Outro ponto abordado, em um primeiro momento, é concernente às fases de ocupação dessa paisagem, as quais figuram como marcos fundamentais para a construção regional, o que ocorreu entre as últimas décadas do século XIX e grande parte do século XX, com maior intensidade nas relações disseminadas entre as décadas de 1830 e 1980. Diante desse cenário, os relatos confirmam que esses momentos foram pautados na espontaneidade, nos valores e nos pressupostos subjetivos de cada sujeito, o que retrata a cultura popular de um cerrado em movimento, isto é, com constantes mutações.

No segundo capítulo, destacam-se as vidas oleiras nas paisagens mineiras, por meio da identificação dos sujeitos oleiros, cujos saberes e experiências levaram à disseminação do nome e da arte oleira Paranaíba em parte do bioma cerrado. Por isso, ele está centrado completamente na figura dos irmãos Pacífico e Elviro, das irmãs Maria Luíza e Erondina Arantes e de seus familiares, que contribuíram sobremaneira com a arte oleira do Vale do Paranaíba, no século XX. Ademais, ele apresenta, a partir de fontes orais, a trajetória histórica dessas famílias, as mudanças territoriais, as dificuldades que passaram ao longo do tempo, os períodos áureos e as épocas de crise.

Dessa maneira, o capítulo enfatiza que a atividade gestual e a artesanal, que utiliza os barros dessa paisagem, são, por direito próprio, um símbolo da história e geografia regional que abarca valores vividos por sucessivas gerações de um ofício com raízes predominantemente populares. Ao mesmo tempo, em uma discussão contemporânea sobre a olaria e sobre o mestre oleiro, o autor arrazoa que a atividade oleira foi um fenômeno econômico, social e cultural que abrangeu toda a região do Triângulo Mineiro, sob o ponto de vista geográfico e histórico. Em cada espaço e tempo regional em que se produziu esse trabalho artesanal, relações e características particulares ocorreram, para transformar o barro em peças únicas, de variado feito comercial e utilitário. Desse modo, o escritor afirma que os mestres oleiros souberam ganhar competências diversas e desenvolver os próprios dons e uma cultura repleta de criatividade.

Já no terceiro capítulo são sublinhadas as vidas oleiras nas paisagens goianas, suas múltiplas formas, conteúdos, arte e trabalho, por meio da defesa de que o Rio Paranaíba é um mosaico de encontros e reencontros entre as culturas mineira e goiana no cerrado brasileiro. Para exemplificar essa questão, o autor afirma que a maior comunidade oleira estava localizada em Itarumã/GO, território que teve postos de saúde e policial, além de outros estabelecimentos.

Sendo assim, nessa seção três do livro, chega-se à região da Lagoa Caracol, que se localiza no município de Gouvelândia/GO, um lugar que outrora se constituiu por inúmeros trabalhadores que se dedicavam à produção de tijolos, o que, portanto, caracterizava-o como uma terra de oleiros. Nesse entremeio, a obra especifica que a

história da tradicional olaria gouvelandense é extraordinariamente rica, por possuir uma cultura sem igual.

O texto ainda identifica que no recorte espacial da olaria caracolense se destacavam o campo de futebol e o bambuzal, com sua exuberância. As vidas oleiras, as olarias, o campo e a venda são marcos da história do lugar e de uma tradição que permanece na memória de antigos trabalhadores e residentes. Até o início da década de 1980, na região do Caracol, as casas não possuíam energia; logo, não era possível encontrar telefone, televisão e geladeira, itens ligados à eletricidade, para auxiliar as tarefas domésticas. Contudo, eram comuns o fogão a lenha na cozinha, a mesa, a prateleira para as panelas e outras vasilhas, além do pote ou filtro para armazenar água que era retirada da cisterna que ficava no quintal.

O autor mostra uma vivência marcada também pelo rádio, item que não era uma exclusividade das residências ou do Chatão, como era chamado o dormitório dos solteiros, mas, principalmente, dos espaços oleiros de produção, no trabalho de toda madrugada. Diante disso, uma vida rural oleira marcada por informação e musicalidade é descrita. Além disso, nas olarias, as emissoras e os radialistas, jornalistas e comunicadores de cidades da região e do país cumpriram seu papel social, posto que criaram um processo de inclusão e lazer dos sujeitos que viviam do tradicional ofício.

Todavia, cabe esclarecer que, tal como afirmou o autor, essa era uma vida simples, devido às características das habitações, à falta de energia elétrica, às dificuldades de mobilidade e à informação limitada ao rádio, mas que proporcionou o elo perfeito com o ambiente cerradoeiro, uma paisagem úmida que levou os sujeitos à convivência com espécies nativas, como anfíbios, cobras e diversas aves. Apesar disso, foi dito, também, que a divisão do território com as serpentes nem sempre foi amistosa, pois, às vezes, era necessário ficar atento para proteger as criações, principalmente galinhas, cães, burros e mulas.

Diante dessas observações, definiram-se os territórios oleiros localizados nos cerrados da bacia hidrográfica do Rio Paranaíba como paisagens cujas raízes, tradições e expressões do modo de vida são traduzidas por relações de trabalho e nas proximidades de moradias. Dessa maneira, o livro mostra que a terra e os recursos

existentes nos lugares podem ser usufruídos por todos, de acordo com as indigências de cada um. Portanto, no conviver dos territórios oleiros, a argila é o recurso que atende às necessidades de todos, mas que se caracterizou pelo modelo de apropriação comercial, uma vez que ela proporciona uma forma de vida aglomerada, no entorno de áreas úmidas, com modos de produção artesanais e “pequena industrialização”, em que as relações de trabalho se tornaram uma mercadoria.

Na quarta e última parte, o livro se abre para as fotografias obtidas durante os trabalhos de campo, imagens portadoras de ideias e expressões dos modos de vida e cotidianos pretéritos e contemporâneos de sujeitos oleiros do Vale do Rio Paranaíba. Nesse contexto, o autor enfatiza que as fotografias apresentadas no capítulo são fundamentais para documentar a existência de sujeitos oleiros na paisagem regional, pois registram cotidianos e revelam identidades.

Isso é decorrente do fato de que as imagens mostram que o olhar transpassa as aparências e busca fazer história com intensidade, por meio da documentação detalhada e reconhecidamente singular que molda, nos quadrantes fotográficos, as particularidades e diferentes lógicas regionais repletas de informações, o que proporciona uma intimidade da parte escrita com o objeto de estudo.

Diante de todos os pontos apresentados, afirma-se que o livro é uma obra que expõe a escrita poética do autor, mostrando que nesses espaços se transmitiu a história das famílias oleiras e dos territórios que permanecem na memória de quem viveu os finais de tarde de um céu amarelo do cerrado, onde caminhões aportavam em caieiras para serem carregados de tijolos, um trabalho desenvolvido a partir da coletividade que estava nos sentidos do viver oleiro. Logo, a subjetividade, a identidade e o sentimento de pertença são categorias que compõem uma vila oleira ou, simplesmente, as vidas desses sujeitos.

Ao levar essas questões em consideração, pode-se afirmar que a obra é relevante, por apresentar a vida dos povos oleiros e o território em que os trabalhos ocorriam, bem como por resgatar a cultura de um povo. Por conseguinte, recomenda-se a leitura a todo leitor que estiver interessado em aprofundar seus estudos sobre a temática deste modo de vida. Assim, fica o convite: venha viajar nessa leitura!





Ambrósio | Óleo e folha de ouro sobre tela | 61 x 45 cm | 2020 | Foto: Joerg Lohse

Artista: Dalton Paula